

Contraste entre Babel e Abraão: do “façamos” ao “Eu farei” (Gênesis 11 e 12)

Raimundo Barreto
Garanhuns, PE, janeiro de 2026

Na literatura bíblica, o **PRINCÍPIO DO CONTRASTE** é central da escrita hebraica: verdades são reveladas colocando lado a lado caminhos opostos, pessoas opostas e resultados opostos. Em vez de explicar conceitos de forma abstrata, o texto hebraico mostra na prática a diferença entre orgulho e fé, rebelião e obediência, maldição e bênção, como se vê no contraste entre a união arrogante de Babel em **Gênesis 11** (“*façamos nome para nós*”) e a resposta graciosa de Deus a Abraão em **Gênesis 12** (“*Eu farei de ti uma grande nação*”). Esse método não apenas comunica informação; ele provoca o leitor a comparar, discernir e escolher, fazendo da própria estrutura narrativa um convite à conversão de cosmovisão.

Pesquisas em ciência cognitiva mostram que o raciocínio analógico e comparativo é central para como o ser humano aprende conceitos e resolve problemas. Estudos indicam que comparar situações semelhantes ou opostas ajuda o cérebro a abstrair padrões e princípios gerais, o que torna o contraste uma ferramenta cognitiva poderosa.

Na poesia hebraica, o recurso básico não é rima, mas **PARALELISMO**, isto é, colocar duas ou mais linhas lado a lado, em relação de repetição, desenvolvimento ou contraste. Um tipo específico é o “**PARALELISMO ANTITÉTICO**”, quando a segunda linha contrasta com a primeira (justo x ímpio, sábio x tolo, obediente x rebelde), muito comum em Provérbios e Salmos.

O contraste não é só um enfeite de texto; é um jeito de falar que ajuda a destacar, gravar na memória e deixar bem claras as escolhas morais e doutrinárias em jogo. Ao colocar lado a lado caminhos opostos (por exemplo, “o caminho do justo” versus “o caminho do ímpio”, conforme vemos no **Salmos 1**), o texto força o leitor a **comparar e escolher**, explorando a tendência humana de entender pela oposição.

Não se pode dizer historicamente que os autores hebreus usaram contraste porque conheciam teorias de neurociência, mas o estilo hebraico se ajusta muito bem ao modo como a mente humana opera por comparação. Em outras palavras, o método do contraste e do paralelismo em hebraico bíblico é um uso literário intencional de algo que, hoje, a ciência reconhece como uma forma fundamental de processamento cognitivo: **pensar por analogia e contraste**.

Essas narrativas paralelas não são redundâncias, mas ferramentas retóricas hebraicas para ensinar doutrina, enfatizar escolhas morais e criar imersão, como no paralelismo poético. Elas ativam o processamento cognitivo por comparação, ajudando a fixar verdades eternas e tipologias (ex.: José prefigurando Jesus Cristo).

Gênesis 11 (a narrativa sobre o reino de Babel, com a Torre de Babel, ligada aos descendentes de Cão via Nimrode, neto de Cam) e **Gênesis 12** (chamado de Abraão, da linhagem de Sem) formam um contraste intencional e poderoso, típico da retórica hebraica, para opor rebelião humana à obediência e promessa divina. Essa justaposição destaca o fracasso coletivo da humanidade dispersa versus a eleição singular de Abraão como solução de Deus.

Em **Gênesis 10:8, 9**, o hebraico diz que **Ninrode** se tornou um “*gibbôr*” (גִּבּוֹר), “poderoso”, e “poderoso caçador *lipnê YHWH*” (לִפְנֵי יְהוָה). A expressão *lipnê YHWH* significa literalmente “*diante do Senhor*”, mas vários comentaristas notam que, em certos contextos, ela pode ter nuance de oposição: “*na cara de Deus*”, “**em desafio a Deus**”, isto é, em **afrota**. Alguns comentaristas apontam que seu nome é associado a raiz “**rebelião**” (*marad*), vendo Ninrode como símbolo de domínio tirânico e rebelião contra Deus. O entendimento é que “poderoso caçador” como “caçador de homens”, isto é, conquistador, tirano, “em oposição ao Senhor”, não como elogio.

Ninrode coaptava a mente das pessoas para se oporem a Deus. Ninrode lidera pessoas em um projeto coletivo de oposição a Deus. Isso o coloca como fundador de centros urbanos e de um sistema de poder que mais tarde são símbolos de orgulho e rebelião (Babel/Babilônia, Nínive). Ninrode era um arquétipo de tirano, “caçador de homens”, líder político-militar que reúne e dirige pessoas em um projeto contrário ao governo de Deus. As nações que de surgiram a partir de Cam, Cuxe e Ninrode sempre se opuseram à obra de Deus na Terra.

Em **2 Coríntios 10:5** Paulo fala da autoridade apostólica para desfazer esta obra maligna e babilônica na vida das pessoas: “*destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo*”.

A etimologia do nome hebraico para Ninrode (נִמְרֹד – Nimrod) tem o sentido de: “rebelde” ou “o que se rebela”. Normalmente é derivado do verbo מָרַד (*marad*), “rebelar-se”, sendo entendido como “rebelde” ou “nós nos rebelaremos”, o que se encaixa bem com a tradição que o vê como figura de oposição a Deus ligada a Babel.

Torre de Babel (Gênesis 11:1-9): Os descendentes de Cão (Cam), especialmente via Cuxe e Nimrode (**10:8-10**), constroem uma “*torre cujo tope chegue até aos céus*” em Sinar para “*tornar célebre o nosso nome*” (**11:4**), unindo-se em rebeldia, orgulho e desafiando o mandato de espalhar-se por toda a Terra (**Gênesis 1:28; 9:1, 7; 12:3b**). Deus confunde as línguas e os dispersa, revertendo a unidade rebelde e iniciando a dispersão das nações.

Note que o propósito deles construírem a “torre”, “*cujo topo chegue aos céus*”, é uma linguagem associada, no contexto histórico, a **templos-torre** mesopotâmicos como Etemenanki, o grande **ZIGURATE** de Babilônia. O zigurate era parte de um complexo de templo, entendido como “*montanha divina*” e eixo entre o mundo dos deuses e o mundo humano; a própria Etemenanki é descrita em inscrições como “*casa-cume do céu e da terra*”.

O zigurate servia como local de culto e procissões rituais, onde sacerdotes realizavam cerimônias ligadas ao deus principal da cidade (em Babilônia, Marduque), reforçando a ideia de presença da divindade no centro urbano. Como construção monumental, o

zigurate projetava o poder do rei e da cidade, demonstrando riqueza, capacidade técnica e legitimidade política diante de outros povos. Essa função de “ligar céu e terra” e exibir glória humana ajuda a entender por que **Gênesis 11** apresenta a torre como um projeto de autoglorificação e controle religioso-político, em contraste com a revelação bíblica do Deus que desce soberanamente, não manipulado pela arquitetura humana.

Os zigurates eram centros de culto onde sacerdotes realizavam rituais, sacrifícios e formas de divinação (sonhos no templo, presságios, oráculos) para buscar resposta dos deuses sobre guerras, colheitas, saúde, etc. Sacerdotes babilônios observavam o céu sistematicamente, muitas vezes a partir de plataformas elevadas como zigurates, registrando movimentos de Lua, planetas e estrelas. Essa observação levou ao desenvolvimento de uma astronomia-astrologia integrada, que incluía constelações e, mais tarde, o esquema de 12 divisões da eclíptica que desemboca no **zodíaco babilônico**.

Chamado de Abraão (Gênesis 12:1-3): Imediatamente após, Deus chama Abrão (de Sem, **11:10-26**) para deixar sua terra, rumo ao desconhecido, prometendo abençoá-lo, fazer dele uma grande nação e, por meio dele, abençoar todas as famílias da terra. Abrão obedece em fé, contrastando com o medo e autossuficiência de Babel.

Contrastes principais

Aspecto	Babel (desc. de Cão/Cam)	Abraão (desc. de Sem)
Unidade	Horizontal, humana, para glória própria	Vertical, com Deus, para bênção global
Motivação	Orgulho, medo da dispersão	Fé, obediência ao chamado divino
Resultado	Dispersão pela confusão	Nação abençoada, restauração das nações
Legado	Rebelião e julgamento	Promessa messiânica (semente)

Essa narrativa paralela usa contraste para ensinar que a redenção vem não da humanidade unida em rebelião, mas da eleição soberana de Deus em uma linhagem fiel, prefigurando Cristo como bênção para todas as nações. Ela reforça o padrão cognitivo hebraico: comparar opostos para fixar lições eternas sobre soberania divina e escolha humana.

Babel representa o fracasso das nações em rebelião, espalhadas como juízo, mas Abraão inicia a linhagem redentora (semente de Sem), pela qual Deus abençoará o mundo, cumprido em Cristo. Essa antítese reforça a doutrina da eleição: redenção não vem da unidade humana, mas da graça soberana em um remanescente fiel.

A promessa a Abraão (**12:1-3**) contrasta radicalmente com a punição em Babel (**11:1-9**), invertendo dinâmicas de iniciativa, direção e escopo: onde Babel busca autogloria e recebe dispersão, Abraão recebe bênção soberana para restaurar as nações. Deus transforma julgamento em graça eletiva, destacando Sua soberania redentora.

Elemento	Punição em Babel	Promessa a Abraão
Iniciativa	Humana (“façamos para nós”)	Divina (“Eu farei”)
Glória	Própria (“nome para nós”)	De Deus (“farei grande o teu nome”)
Unidade	Rebelde, contra dispersão	Bênção global (“todas as famílias da terra”)
Resultado	Confusão, dispersão, frustração	Nação, terra, descendência, redenção
Visão temporal	Curto prazo, autossuficiência	Longo prazo, fé geracional

Em Babel, a **hybris** coletiva leva à maldição da divisão linguística, frustrando planos humanos que desafiam o mandato divino de encher a terra. A promessa abrahâmica, por outro lado, é graça unilateral: sete “Eu farei” de Deus restauram unidade sob sua autoridade, com Abraão como canal de bênção universal, prefigurando o Evangelho.

As sete promessas detalhadas

	Promessa (12:2-3, ARC)	Explicação Doutrinária
1	<i>“Far-te-ei uma grande nação”</i>	Transforma um idoso sem filhos em origem de um povo numeroso (Israel), invertendo esterilidade pós-Dilúvio.
2	<i>“Abençoar-te-ei”</i>	Bênçãos pessoais (riqueza, proteção), cumpridas em Gn 13:2 e vida longa, oposto à maldição de Babel.
3	<i>“Engrandecerei o teu nome”</i>	Fama eterna de Abraão como pai da fé, contrastando “façamos nome para nós” orgulhoso de Babel.
4	<i>“Tu serás uma bênção”</i>	Abraão como modelo e canal de bênçãos, não receptor passivo, chamando outros à fé.
5	<i>“Abençoarei os que te abençoarem”</i>	Proteção divina para aliados, soberania de Deus sobre nações, revertendo divisão de Babel.
6	<i>“Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”</i>	Julgamento sobre inimigos, ecoando juízo de Babel mas direcionado à linhagem redentora.
7	<i>“Em ti serão benditas todas as famílias da terra”</i>	Bênção messiânica universal (Gl 3:8), cumprida em Cristo, restaurando unidade sob Deus.

A **Hybris** humana significa orgulho excessivo, desmedida ou arrogância que ultrapassa limites próprios do ser humano, buscando igualar-se ou desafiar o divino, comum na filosofia grega antiga e aplicada à Bíblia como rebelião pecaminosa. No contexto de Babel, representa a autodeificação coletiva que atrai julgamento divino.

Em **Gênesis 11:4**, o “façamos” reflete o coração *hybris*: humanos unificados constroem torre para “nome próprio”, rejeitando dispersão divina (**9:1**) e ecoando **Gênesis 3:5** (“*sereis como deuses*”). Doutrinariamente, alerta contra **soberba coletiva** (*ga'avah* hebraica, **Provérbios 16:18**), onde autossuficiência idolátrica leva a confusão linguística como freio providencial. *Hybris* opõe humildade à exaltação própria, mostrando que Deus resiste aos soberbos (**Tiago 4:6**), mas dá graça aos humildes, como Abraão em **Gênesis 12**. Na redenção, Cristo inverte *hybris* humana pela cruz, modelo de *kenosis* (esvaziamento, **Filipenses 2:5-8**).

Gênesis 11 e 12 colocam, lado a lado, dois projetos de humanidade que depois vão se repetir ao longo da Bíblia inteira: de um lado, a lógica de Babel/Babilônia; do outro, o caminho de Abraão e do Reino de Deus. Em Gênesis 11, a história da torre de Babel mostra uma humanidade que se junta para construir uma cidade e uma torre para “fazer um nome” para si e garantir segurança pela própria força. É a cultura que usa religião, técnica e poder político para se exaltar, querendo, de algum jeito, alcançar o céu por esforço humano. Isso antecipa tudo o que Babilônia vai simbolizar depois: um sistema que mistura idolatria, império e orgulho coletivo, sempre se colocando como alternativa ao governo de Deus.

Já em **Gênesis 12**, Deus não responde a Babel com outra torre, mas com um chamado. Em vez de um projeto de massa, Ele chama uma pessoa: Abraão. Enquanto Babel constrói para subir, Abraão ergue altares para Deus descer. Enquanto Babel tenta fazer um nome para si, Deus promete a Abraão: “*Eu farei grande o teu nome*” e, por meio de ti, abençoarei todas as famílias da terra.

Ao longo do Antigo Testamento, Babilônia vira muito mais que uma cidade: torna-se um símbolo de tudo o que se levanta contra o Senhor, uma espécie de “código” para um sistema de poder que seduz, oprime, idolatra e confia na própria força. Em contraste, a linhagem de Abraão, Israel, Jerusalém e, finalmente, o Reino de Deus, inaugurado por Jesus Cristo representam a cultura celestial: fé e obediência, aliança, justiça, misericórdia e a vocação de ser bênção para as nações.

No Novo Testamento, especialmente em Apocalipse, o contraste continua: “Babilônia” volta como figura de uma cultura global rica, sedutora, idólatra e perseguidora dos santos, enquanto a Nova Jerusalém representa a plenitude do governo de Deus que desce do céu.

No fundo, Gênesis 11 e 12 montam um cenário que atravessa a História: em cada geração, a humanidade é chamada a escolher entre o projeto de Babel - unidade sem Deus, glória própria, religião a serviço do ego - e o caminho de Abraão - caminhar pela fé, depender da promessa e se alinhar com o Reino de Deus.

www.RaiBarreto.com.br

contato@raibarreto.com.br

Instagram: @raibarretosilva